



Carta Aware

AGOSTO 2022

AWARE INVESTMENTS
Multi Family Office

São Paulo • Rio de Janeiro • Belo Horizonte • Lisbon • Geneva
contato@awaregestao.com

Estados Unidos

Como sinalizado no mês anterior, a recessão chegou. A diferença é que agora o Fed resolveu assumir e parou de negar o óbvio.

Nada de pouso suave ou retomada gradual. A mão que dá é a mesma mão que tira. Estamos falando agora em "recessão de crescimento", um período prolongado de crescimento fraco e desemprego crescente que não chega a uma contração total da economia. Se é que esse paradoxo já não se contradiz por si só.

"Reduzir a inflação provavelmente exigirá um período sustentado de crescimento abaixo da tendência", disse Powell. "Além disso, muito provavelmente haverá algum enfraquecimento das condições do mercado de trabalho" – amplamente visto como um eufemismo para mais desemprego.

Falando em desaceleração, sinais já são vistos. O setor privado dos Estados Unidos contratou 132 mil trabalhadores em agosto, após 268 mil em julho, mostrou o Relatório Nacional de Emprego da ADP. "Nossos dados sugerem uma mudança para um ritmo mais conservador de contratação, possivelmente à medida que as empresas tentam decifrar os sinais conflitantes da economia", disse Nela Richardson, economista-chefe da ADP. "Podemos estar em um ponto de inflexão, de geração turbinada de postos de trabalho para algo mais normal".

Europa

Parece notícia requeitada, mas não é.

No Velho Continente, a incapacidade generalizada de lidar com um impulsionamento econômico e desdobramentos políticos na guerra ucraniana é notório. Se depender de Putin, vai faltar gás pra todo mundo. Ainda mais depois de a filha do seu guru sofrer um atentado, Vladimir entende melhor que todos nós que na guerra e na vingança, se come frio (e os inimigos sem gás). A crise energética e inflacionária é cada vez mais um elefante na sala.

Para François Villeroy, presidente do banco central francês, o movimento do BCE sobre as taxas de juros na próxima semana deve ser "ordenado e previsível". Com a inflação da zona do euro em níveis recordes (máxima histórica de 9,1%, acima da previsão de 8,9%), as autoridades temem cada vez mais que mesmo as expectativas de alta dos preços de longo prazo possam ultrapassar a meta de 2% do BCE. Isso deixa a escolha para a próxima reunião de política monetária em grande parte dividida entre aumentos de juro de 50 e 75 pontos-base. Villeroy disse que o aumento da inflação, inicialmente impulsionado pela disparada dos preços da energia, estava se espalhando para a economia em geral e alimentando os custos de serviços, embora não haja sinais de uma espiral preços-salários no momento. Apesar do atual choque nos preços de energia, Villeroy disse que uma recessão na Europa é improvável para 2022, mas que nada pode ser descartado para o próximo ano. Ele acrescentou que a economia francesa crescerá pelo menos tão rápido quanto os 2,3% que o banco central previu em junho deste ano, mas sofrerá uma forte desaceleração em 2023, embora provavelmente não chegue a uma recessão.

Tratando especificamente da Alemanha, o recorde negativo em quase 50 anos também foi atingido mesmo com a ajuda temporária do governo à economia. Os preços ao consumidor na maior economia da Europa saltaram 8,8% em agosto em relação ao ano anterior, acima dos 8,5% de julho. Além de ser a máxima da era do euro no país, o dado é o maior para o país desde o inverno de 1973, quando chegou a 8,7%. O Bundesbank, banco central germânico, vê o número atingindo cerca de 10% no último trimestre de 2022 e considera as perspectivas altamente incertas devido à "situação pouco clara" nos mercados de commodities.

No agrobusiness alemão, o bolso do produtor também sofre. Os preços ao produtor –um indicador importante para a inflação– dispararam 37,2% na comparação anual, o maior aumento desde que os registros começaram, em 1949, disse o Escritório Federal de Estatísticas. A alta mensal, de 5,3%, também foi a maior já registrada. "Os fornecimentos de gás significativamente mais baixos da Rússia, os aumentos persistentemente acentuados dos preços da energia e, cada vez mais, de outros bens, bem como as interrupções na cadeia de fornecimento mais longas do que o esperado, também relacionadas à política de Covid zero da China, estão pesando muito sobre o desenvolvimento da economia", disse o Ministério das Finanças.

Britânicos também sofrem para manter as contas do mês em dia em um local já historicamente caro de se viver. O teto da tarifa da energia para as residências no Reino Unido aumentará 80% a partir de outubro e as contas de gás e energia elétrica podem seguir em alta "considerável" em 2023, em plena crise do custo de vida. O teto passará das atuais 1.971 libras (US\$ 2.325) pagas por ano por uma residência média para 3.549 libras (US\$ 4.180), informou a agência reguladora Ofgem. Analistas acreditam que o limite vai superar 4.000 libras (US\$ 4.730) em janeiro e até 6.000 libras (US\$ 7.096) na primavera europeia, de acordo com as projeções mais pessimistas. De acordo com a Universidade de York, quase dois terços das residências britânicas enfrentarão a ameaça de pobreza energética a partir do próximo ano.

Ásia

China

Mesmo com grandes incentivos vindos do gabinete do governo, a economia da grandiosa China continua a desacelerar.

A produção industrial cresceu 3,8% em julho em relação ao ano anterior, abaixo da expansão de 3,9% em junho e de aumento de 4,6% esperado por analistas em uma pesquisa da Reuters. As vendas no varejo, que só voltaram a crescer em junho, aumentaram 2,7% em relação ao ano anterior, contra expectativa de crescimento de 5,0% e alta de 3,1% observada em junho.

Para apoiar a economia em dificuldades, o Banco Central do Povo da China (PBoC, na sigla em inglês) cortou inesperadamente a taxa de juros pela segunda vez este ano. O PBoC anunciou que baixou as taxas de juros tanto da linha de crédito de médio prazo de um ano quanto dos acordos de recompra reversa de sete dias em 10 pontos-base, enquanto injeta liquidez por meio dos dois instrumentos. A taxa de MLF de um ano foi reduzida para 2,75% e a taxa de recompra reversa de sete dias foi reduzida para 2,0%. Os cortes podem levar a uma redução das taxas de empréstimo de referência da China – a taxa básica de empréstimo – no final deste mês, pois as taxas são precificadas com base nas taxas de MLF. O banco central também injetou liquidez de 400 bilhões de yuans (US\$ 59,3 bilhões) por meio do MLF de um ano e 2 bilhões de yuans por meio de recompras reversas de sete dias.

Ainda que dados de desemprego tenham sido positivos, a redução produtiva é encarada pelo mercado como um alto risco às projeções prévias de crescimento para 2022 e 2023.

Índia

Indianos crescem economicamente, mas como o mundo todo, tem desaceleração no retrovisor. A economia da Índia cresceu 13,5% no segundo trimestre na comparação com o mesmo período do ano anterior, ritmo anual mais forte em um ano, mostraram dados divulgados, embora a economia deva perder força nos trimestres seguintes à medida que a taxa de juros mais alta esfria a atividade econômica. O crescimento nos três meses até junho, impulsionado por manufatura e serviços, como hospedagem e viagens, ficou abaixo da previsão de 15,2% dos economistas em uma pesquisa da Reuters, mas bem acima da expansão de 4,1% no trimestre anterior.

Mas para o primeiro-ministro Narendra Modi, o futuro é o que importa e suas projeções são das mais ambiciosas. Segundo ele, a meta é dentro de 25 anos tornar a Índia uma nação desenvolvida.

Ásia (cont.)

Japão

Com o pragmatismo de sempre, a economia japonesa vai aos poucos recuperando o tamanho pré-pandemia. O PIB do trimestre abril-junho avança 2,2% em base anualizada e garante ao mundo que o BoJ e o governo têm um plano.

Voltando ao tema do planejamento, Junko Nakagawa, dirigente do BoJ, garantiu que a instituição manterá sua política monetária acomodatória até que os salários e preços avancem de forma sustentável. Embora a inflação ao consumidor tenha ultrapassado a meta de 2% do BoJ nos últimos meses, Nakagawa avaliou que isso não é suficiente para atender os critérios do banco. "Nosso objetivo é promover aumentos nos lucros das empresas e avanços na oferta de mão de obra e demanda, por meio do relaxamento das condições monetárias, e criar um ciclo econômico virtuoso em que salários e preços aumentem de maneira sustentável".

Mas não dá pra viver só de notícias boas. O iene vem derrapando e as autoridades encaram a situação com um "alto senso de urgência", sugerindo uma eventual intervenção no mercado. Antes bem-vinda por impulsionar as exportações, a fraqueza do iene está se tornando uma dor de cabeça para as autoridades, porque aumenta o custo de importação de combustível e matérias-primas, já caros. E o déficit comercial mais longínquo em 7 anos em muito se deve a isso. Os dados comerciais vieram na esteira do índice Reuters Tankan, que mostrou melhora na confiança empresarial do Japão em agosto, enquanto um indicador importante dos gastos de capital corporativo se recuperou em junho em relação ao declínio do mês anterior. As importações aumentaram 47,2% em julho sobre o mesmo período do ano anterior, para um recorde de 10,2 trilhões de ienes (76,06 bilhões de dólares), impulsionadas pelos custos de petróleo bruto, carvão e gás natural líquido. Isso superou as expectativas de um aumento de 45,7% e superou as exportações, elevando o déficit comercial para 1,4368 trilhão de ienes em julho. As exportações mostraram um crescimento de 19,0% em julho em relação ao ano anterior, registrando 17 meses consecutivos de ganhos liderados por embarques de carros com destino aos Estados Unidos e embarques relacionados a chips para a China, superando as expectativas de um ganho de 18,2%, mas não foi o suficiente para impedir um déficit. O resultado marcou um ano inteiro de déficits comerciais mensais, a sequência mais longa desde os 32 meses de déficit até fevereiro de 2015.

América Latina

Chile

De exemplo à negação em menos de um ano. Esta é a definição da economia chilena debaixo da tutela do governo Boric até o momento. Caos político, intrigas com vizinhos na América do Sul e total incapacidade de estimular uma economia que até pouco tempo era digna de aplausos, coisa rara na parte sul do continente.

No segundo trimestre de 2022, a economia do Chile cresceu 5,4 na comparação ao mesmo período do ano anterior, segundo dados divulgados pelo do banco central do país. Comparando ao trimestre anterior, o PIB permaneceu estagnado quando uma alta de 0,3% era esperada.

Com ressalvas, o FMI aprovou uma linha de crédito flexível de dois anos para o Chile de US\$ 18,5 bilhões, visando aumentar as reservas do país e fornecer um seguro contra cenários adversos. Em comunicado, a instituição afirmou que a linha será tratada como precaução, e que a economia chilena enfrenta um aumento acentuado dos riscos globais. O programa permite que seus beneficiários utilizem a linha de crédito a qualquer momento e foi projetado para atender com flexibilidade às necessidades reais e potenciais da balança de pagamentos. Os saques não são vinculados às condicionalidades, como nos programas regulares apoiados pelo FMI.

México

Fizeram o dever de casa. Nem uma linha à mais, nem uma à menos.

A economia do México cresceu 0,9% no segundo trimestre em relação aos três meses anteriores, ligeiramente abaixo dos dados preliminares, mas ainda o suficiente para levar o país ao segundo trimestre positivo consecutivo, disse à agência de estatísticas INEGI. Na comparação com o mesmo período do ano anterior, a economia mexicana cresceu 2,0% no segundo trimestre, impulsionada principalmente pelo aumento de 3,3% no setor secundário, que inclui atividades manufatureiras. O aumento também correspondeu às previsões do mercado.

Em linha com o resultado medíocre, no sentido literal de média do termo, e a tendência mundial, o Banco do México (Banxico), reduziu sua previsão de crescimento para 2023, devido às expectativas de atividade econômica global mais lenta e demanda externa mais fraca por produtos mexicanos, principalmente dos EUA. O Banxico espera que o PIB cresça 1,6% no próximo ano, abaixo dos 2,4% estimados em seu relatório trimestral anterior. Apesar da piora das perspectivas, o Banxico manteve sua projeção de PIB para 2022 em 2,2%, citando a resiliência observada no primeiro semestre do ano.

América Latina (cont.)

México (cont.)

Como parte do acordo comercial da América do Norte, o T-MEC, para que “possam ser comercializados apenas veículos com energias renováveis, carros elétricos, até 2030 ou 2035”, os mexicanos abrirão a exploração de lítio a investidores privados, anunciou o presidente Andrés Manuel López Obrador, reconhecendo que os fundos públicos são insuficientes para desenvolver esse setor, nacionalizado recentemente. Após essa decisão, o governo criou a Lítio para México (LítioMx), empresa que ficará encarregada de desenvolver o setor. Também anunciou que irá revisar oito contratos concedidos por governos anteriores a empresas privadas que não identificou. A LítioMx é “público-privada” e será instalada no estado de Sonora, com o objetivo de tornar essa região, localizada na fronteira com os Estados Unidos, uma geradora de energias limpas para a indústria automotiva, assinalou o presidente esquerdista. López Obrador lembrou que o México recebe assessoria da Bolívia, que, segundo ele, está licitando com empresas alemãs, chinesas e americanas a exploração do lítio.

Brasil

Há quem diga que agosto é um mês interminável. Os mais racionais dirão que é por conter 31 dias e vir seguido de outro mês com a mesma quantidade. Os mais supersticiosos, por sua vez, dirão que é por ser o “mês do cachorro louco” devido à terrível proliferação da raiva canina ocorrida no século XVI. Independente dos milhares motivos e teorias para explicar essa sensação de período prolongado, para o mercado financeiro, a premissa foi verdadeira, e o mês foi bem menos movimentado do que os demais. Apesar disso, no cenário doméstico, o mês do desgosto foi mais saboroso do que o esperado, e a bolsa brasileira se descolou das economias globais.

A prévia da inflação medida pelo IPCA-15 caiu 0,73%, menor do que o esperado pelo mercado. Isso porque o preço de bens industriais e dos alimentos subiram, enquanto os reflexos da redução dos impostos sobre os combustíveis fizeram por reduzir os preços de transportes. Sob a ótica da atividade econômica, os resultados do segundo trimestre foram apresentados, com o setor de serviços sendo o grande protagonista novamente, performando acima do esperado. A demanda interna no curto prazo vem sendo sustentada pelo aumento da renda disponível, traduzida pelo incremento da empregabilidade em conjunto com os estímulos fiscais. Por outro lado, segmentos como do comércio e da indústria vêm perdendo fôlego. O Índice de Atividade Econômica do Banco Central (IBC-Br) cresceu 0,7% entre maio e junho, e 3,1% na janela dos últimos 12 meses.

No início de agosto, o Comitê de Política Monetária elevou a Selic em 0,5pp, de 13,25% a.a. para 13,75% a.a., conforme o esperado. Dentre os motivos ressaltados, o Comitê reconheceu que há riscos em ambas as direções para a inflação, seja pela baixa devido a desaceleração global, seja pela alta devido à demanda agregada mais forte.

Com as pressões inflacionárias globais começando a diminuir, o mercado espera que o Copom finalmente fará a pausa que vem sinalizando há algum tempo. No geral, a expectativa é de manutenção da taxa Selic em 13,75% até meados do ano que vem. Em circunstâncias normais, o Copom deve encontrar espaço para flexibilizar a política monetária. As taxas de juros reais estão próximas de 8%, o que é muito alto mesmo para padrões brasileiros. Especialmente após importantes reformas estruturais aprovadas nos últimos anos, como a da Previdência, a TLP, a independência do Banco Central, entre outras. No entanto, não há clareza sobre qual será o arcabouço fiscal a partir de 2023. Uma mudança mais profunda e permanente, que torne ainda mais nebulosa as perspectivas de sustentabilidade da dívida pública, pode alterar completamente os parâmetros da política monetária nos próximos anos. De toda forma, ao incorporar uma política fiscal mais expansionista em 2023, o Copom terá que cortar juros mais lentamente. A projeção para o final do próximo ano circunda na casa dos 10%.

No aquecimento para as eleições, vimos no mês de agosto a ocorrência do primeiro debate na TV aberta. Os “favoritos” não apenas trocaram acusações entre si, como foram os principais alvos de ataques. No lado da busca pela reeleição, os ataques da oposição ao presidente Bolsonaro foram desde críticas pela atuação na pandemia e economia, até às medidas adotadas com o meio-ambiente. No lado da retomada ao poder, os esperados ataques aos escândalos de corrupção do governo do ex-presidente Lula foram o tema mais abordado. De forma resumida, os discursos giraram mais em torno do que os candidatos já fizeram ou deveriam ter feito, do que o que eles realmente pretendem fazer. A bem verdade é que o passado continuará sendo passado, e o futuro precisa ser desenhado. E do que adianta o esboço bem detalhado se o lápis continua desapontado?

Bolsas

No mês de agosto, o Ibovespa deu sequência a trajetória de alta iniciada no mês anterior, encerrando o período em ganhos de 6,2%, impulsionado, principalmente, pela perspectiva do fim do ciclo de alta dos juros no Brasil.

Observamos manutenção da rotação de setores, com os setores de varejo e consumo se destacando em detrimento ao setor de siderurgia e mineração, que foi o grande destaque do primeiro semestre do ano.

As pechinchas na bolsa chamaram atenção não só dos investidores locais, já que observamos sinais de que o movimento de resgates em fundos de ações pode ter cessado, como também dos investidores globais, que ingressaram com R\$ 16,39 bilhões no mercado secundário da B3, contribuindo para um saldo positivo acumulado de R\$ 70,15 bilhões, desde o início do ano.

O EWZ, conhecido como Ibovespa em dólares, apresentou ganhos de 5,17%, contribuindo para valorização de 8,73% desde o início de 2022.

O sentimento de *risk on* observado no Brasil, infelizmente, não se alastrou para as bolsas desenvolvidas. Nos EUA, o S&P 500 e Nasdaq recuaram 4,24% e 4,64%, respectivamente. Apesar de um início de mês forte, os principais índices recuaram na segunda quinzena com temores em relação à inflação. Esses temores se mostraram acertados, já que o *payroll* veio acima do esperado e os salários mais altos contribuem para continuação da aceleração de preços.

Na Europa, o cenário foi ainda mais conturbado, com as tensões na Guerra travada em território ucraniano, após relatos de que os confrontos estavam extremamente próximos da maior usina nuclear da Europa. Com os temores de um acidente nuclear, o Euro Stoxx recuou 5,15%. O CAC (França), DAX (Alemanha) e FTSE (Inglaterra) recuaram -5,02%, -4,8% e FTSE -1,88%, respectivamente.

Na China, as ações enfrentaram mais um mês de quedas, pressionadas pelos lockdowns excessivos no país. O Hang Seng Index apresentou baixa de 1% no mês, o Shanghai Composite apresentou desvalorização de 1,57% e o Shenzhen Component, o principal índice de tecnologia chinês, apresentou queda de 3,68%.

Por fim, apesar da proximidade geográfica com a China, o Nikkei, principal índice japonês, apresentou performance oposta a do mercado chinês, com alta de 1,04%.

Índices

Ibovespa	109.523,00	6,16%
S&P 500	3.955,00	-4,24%
Nasdaq	11.816,20	-4,64%
Euro Stoxx 50	3.517,25	-5,15%
Shanghai	3.202,14	-1,57%

Ibovespa



Fonte(s): Investing. Elaborado pelo Aware Investments

S&P 500



Fonte(s): Investing. Elaborado pelo Aware Investments

Índice EWZ



Fonte(s): Investing. Elaborado pelo Aware Investments

Juros & Câmbio

Apesar da volatilidade habitual, o mês de agosto foi bem favorável para o mercado de juros, principalmente para o títulos com vencimentos no médio e longo prazos, que performaram melhor devido a queda de suas respectivas taxas.

O mercado começou a esperar uma queda na Selic em 2023, evidenciando a percepção de topo na Selic. Apesar da ampla percepção de topo por parte do mercado doméstico, acreditamos que o *newsflow* eleitoral e a tendência de alta para o IPCA em 2023 podem vir a pressionar a curva prefixada ao longo das próximas semanas.

O movimento descrito acima foi, em grande parte, impulsionado pela redução de impostos na gasolina promovida pelo governo federal. Com esse impacto no preços dos combustíveis, o IPCA de julho, divulgado em agosto, registrou deflação de 0,68%, a primeira queda no indicador desde maio de 2020.

Esse movimento acarretou em uma série de revisões para nosso PIB por parte das grandes instituições financeiras brasileiras e globais. Antes, os bancos e casas de análise projetavam altas entre 1,7% e 2,2%. Agora, os players do mercado passam a projetar altas entre 2,7% e 3,2%.

Nos EUA, vários dados de atividade vieram abaixo do esperado, como o PMI de Serviços referente a agosto, as Vendas de Novas Casas de julho e as Vendas de Bens Duráveis de julho (0% na passagem mensal, contra avanço de 0,6% esperado). Por outro lado, o *payroll* acima do esperado e aceleração nos salários tende a manter a inflação em alta.

Com o resultado dos dados econômicos acima, o mercado direcionou os holofotes para reunião anual de Jackson Hole, onde o órgão deu a entender que seguirá elevando os juros no ritmo atual até que os índices de preços mostrem indicações mais consistentes de desaceleração. Isto levou a uma leitura considerada *hawkish* por muitos agentes de mercado.

Com a desaceleração da economia chinesa e cenário inflacionário extremamente complexo na Europa, o Índice DXY, que mede a força do dólar frente a uma cesta de outras moedas fortes, registrou alta expressiva de 2,8% no mês.

Com a força da moeda norte-americana no mês de agosto, frente ao real, o dólar encerrou o mês cotado a R\$ 5,20, alta de 0,53% no período.

O bitcoin manteve sua trajetória de queda, iniciada em novembro de 2021, encerrando agosto cotado a US\$ 20 k, baixa de 14%. No ano, o principal *criptoativo* já acumula perdas superiores a 50%.

Moedas

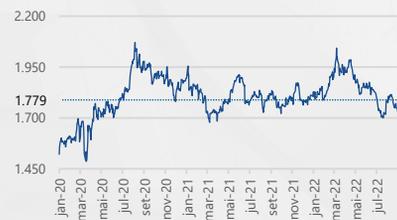
Dólar	5,18	-0,18%
Euro	5,21	-1,39%
Libra	6,02	-4,29%
Yuan	0,75	-1,94%
Iene	0,04	-4,03%
Lira Turca	0,28	-1,32%

Evolução Dólar



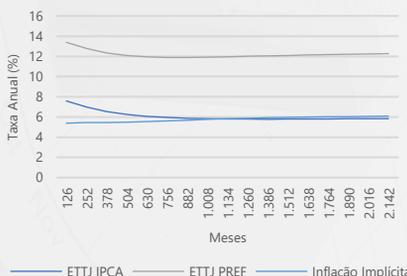
Fonte(s): Investing. Elaborado pela Aware Investments

Evolução Ouro



Fonte(s): Investing. Elaborado pela Aware Investments

Curva de Juros



Fonte(s): Anbima. Elaborado pela Aware Investments

Perspectivas

Após divulgação de fortes dados econômicos no país, somados a uma inflação menos forte, devido às ações do governo para combater a alta da gasolina no país, revisamos nossas projeções anuais das principais variáveis macroeconômicas do Brasil, buscando incorporar esses números positivos.

Para o IPCA, esperamos alta de 6,5% em 2022 (ante 7%) e de 5,7% para 2023. Conforme mencionamos anteriormente, essa mudança expressiva se deu, em grande parte, pelo reajuste de 7% nos preços da gasolina.

Em relação a atividade econômica, agora esperamos um PIB de 3%, 1% acima da projeção anterior e em linha com as projeções do mercado, que variam entre 2,7% e 3,2%. No último PIB divulgado, registramos a surpresa positiva na aceleração da indústria e serviços, evidenciando que o pico dos gargalos logísticos globais podem estar chegando próximos a um fim.

Para o câmbio, mantemos nossa projeção em R\$ 5,3 ao fim de 2022, já que esperamos um juro mais forte do que o esperado pelo mercado em território norte-americano, o que deverá pressionar ainda mais as moedas de economias emergentes.

Em relação a Selic, mantemos projeção em 13,75% ao fim deste ano, com base no comunicado ligeiramente mais *dovish* do Copom na reunião de agosto, que condicionou novas altas às expectativas de inflação para o início de 2024.

Já o mercado, para o fim deste ano, possui projeções 6,7% (vs 6,5% estimados por nós) para o IPCA, 2,1% (vs 3%) para o PIB, R\$ 5,20 (vs R\$ 5,30) para o dólar e 13,75% (igual a nossa projeção) para Selic.

Em relação a bolsa, mesmo após bom desempenho desde o início de 2022, com o Ibovespa se descolando das principais bolsas globais, o índice permanece sendo negociado a níveis bem descontados, evidenciando a atratividade das ações nacionais. O múltiplo P/L, que indica a relação entre o preço de negociação das ações e o lucro das companhias, permanece em patamares extremamente baixos, em apenas 6,2x.

Esse patamar de “desconto” atual da bolsa brasileira não é atingido desde 2008, em meio a crise do *subprime* nos EUA, como podemos observar no gráfico abaixo:

Ibovespa - P/L 12m forward



Fonte: Bloomberg; Elaboração: Eleven Financial Research

Resumo

Indicadores	Cotação/Taxa	Dia	ago/22	jul/22	jun/22	2022	2021	12 M	24 M	60 M
CDI	13,65%	0,05%	0,50%	1,03%	1,01%	7,03%	4,40%	9,76%	12,54%	33,27%
SELIC	13,65%	0,05%	0,50%	1,03%	1,01%	7,03%	4,40%	9,76%	12,54%	33,28%
Dólar (Bacen)	5,1023	-0,20%	-1,66%	-0,95%	10,77%	-8,57%	7,39%	-2,54%	-6,47%	60,98%
Euro (Bacen)	5,2329	-1,01%	-1,15%	-3,47%	8,05%	-17,21%	-0,89%	-14,83%	-18,69%	39,79%
Dólar (Mercado)	5,074	-1,63%	-1,94%	-1,16%	10,15%	-8,94%	7,27%	-3,47%	-6,95%	59,86%
Euro (Mercado)	5,207	-2,16%	-1,53%	-3,59%	7,49%	-17,90%	-0,55%	-15,58%	-18,72%	37,94%
Ibovespa	112.764	2,78%	9,31%	4,69%	-11,50%	7,58%	-11,93%	-6,58%	10,43%	67,41%
Ouro B3	290,00	-1,89%	0,00%	-3,40%	7,60%	-12,12%	4,43%	-0,68%	-13,17%	123,51%
IGP-M***			-0,41%	0,21%	0,59%	7,94%	17,78%	8,90%	42,79%	84,43%
IPCA***			-0,23%	-0,68%	0,67%	4,53%	10,06%	8,87%	19,41%	31,82%
Poupança nova*			0,74%	0,66%	0,65%	5,04%	2,99%	6,72%	8,68%	22,71%
Poupança antiga*			0,74%	0,66%	0,65%	5,04%	6,22%	7,21%	13,83%	36,21%
Poup. nova + IR*			0,87%	0,78%	0,76%	5,93%	3,51%	7,91%	10,22%	26,71%
Poup. ant. + IR*			0,87%	0,78%	0,76%	5,93%	7,32%	8,49%	16,27%	42,60%

Rentabilidades Mensais

Indicadores	ago/22	jul/22	jun/22	mai/22	abr/22	mar/22	fev/22	jan/22	dez/21	nov/21	out/21	set/21	ago/21
CDI	0,50%	1,03%	1,01%	1,03%	0,83%	0,92%	0,75%	0,73%	0,76%	0,59%	0,48%	0,44%	0,42%
SELIC	0,50%	1,03%	1,01%	1,03%	0,83%	0,92%	0,75%	0,73%	0,76%	0,59%	0,48%	0,44%	0,42%
Dólar (Bacen)	-1,66%	-0,95%	10,77%	-3,87%	3,83%	-7,81%	-4,07%	-4,00%	-0,70%	-0,41%	3,74%	5,76%	0,42%
Euro (Bacen)	-1,15%	-3,47%	8,05%	-2,12%	-1,35%	-9,07%	-3,78%	-4,96%	-0,12%	-2,93%	3,51%	3,77%	-0,12%
Dólar (Mercado)	-1,94%	-1,16%	10,15%	-3,85%	3,81%	-7,65%	-2,83%	-4,78%	-1,12%	-0,19%	3,67%	5,30%	-0,73%
Euro (Mercado)	-1,53%	-3,59%	7,49%	-2,11%	-1,04%	-9,30%	-2,63%	-5,95%	-0,59%	-2,25%	3,46%	3,32%	-1,18%
Ibovespa	9,31%	4,69%	-11,50%	3,22%	-10,10%	6,06%	0,89%	6,99%	2,85%	-1,53%	-6,74%	-6,57%	-2,48%
Ouro B3	0,00%	-3,40%	7,60%	-6,69%	2,40%	-4,89%	1,49%	-8,33%	3,13%	0,47%	4,77%	1,84%	-1,81%
IGP-M***	-0,41%	0,21%	0,59%	0,52%	1,41%	1,74%	1,83%	1,82%	0,87%	0,02%	0,64%	-0,64%	0,66%
IPCA***	-0,23%	-0,68%	0,67%	0,47%	1,06%	1,62%	1,01%	0,54%	0,73%	0,95%	1,25%	1,16%	0,87%
Poupança nova*	0,74%	0,66%	0,65%	0,67%	0,56%	0,60%	0,50%	0,56%	0,49%	0,44%	0,36%	0,30%	0,24%
Poupança antiga*	0,74%	0,66%	0,65%	0,67%	0,56%	0,60%	0,50%	0,56%	0,55%	0,50%	0,50%	0,50%	0,50%
Poup. nova + IR*	0,87%	0,78%	0,76%	0,78%	0,65%	0,70%	0,59%	0,66%	0,58%	0,52%	0,42%	0,35%	0,29%
Poup. ant. + IR*	0,87%	0,78%	0,76%	0,78%	0,65%	0,70%	0,59%	0,66%	0,65%	0,59%	0,59%	0,59%	0,59%



Disclaimer

Nossas opiniões são frequentemente baseadas em várias fontes, já que dependemos grande parte de nosso tempo com análises de amplitude global de vários bancos, gestores, corretoras e consultores independentes.

Todas as opiniões contidas neste relatório representam nosso julgamento até esta data e podem mudar sem aviso prévio, a qualquer momento.

As informações contidas neste material são de caráter exclusivamente informativo e não devem ser consideradas como uma oferta de aquisição de cotas dos fundos de investimentos. Rentabilidade passada não é garantia de rentabilidade futura, sempre leia o prospecto e o regulamento antes de investir.

Be **AWARE** with your
investments

AWARE INVESTMENTS
Multi Family Office

Sao Paulo • Rio de Janeiro • Belo Horizonte • Lisbon • Geneva

contato@awaregestao.com
www.awaregestao.com